Blasted

De Sarah Kane
Tradução Laerte Mello (revisão – Giana Maria Gandini Gianni de Mello)

Cena Um

Um quarto de hotel de luxo em Leeds – um tipo de quarto tão caro que pode ser encontrado em qualquer lugar do mundo.

Uma grande cama de casal.
Um mini-bar e um champagne no gelo.
Um telefone.
Um grande buquê de flores.
Duas portas – uma vem do corredor, a outra leva ao banheiro.

Entram duas pessoas – Ian e Cate.

Ian tem 45 anos, galês de nascimento, mas viveu em Leeds a maior parte da vida adquirindo o sotaque da região.

Cate tem 21 anos, sulista de classe média baixa com sotaque do sul de Londres e gaga quando está sob stress.

Cate pára na porta extasiada com o requinte do quarto.
Ian entra, joga uma pequena pilha de jornais na cama, vai direto ao mini-bar e se serve de uma grande dose de gin.
Dá uma breve olhada pela janela que dá para rua, e se volta para o quarto.

Ian – Já caguei em lugares melhores do que esse.

Ele toma o gin.

Tô fedendo.
Quer tomar um banho?

Cate – (faz não com a cabeça)

Ian vai até o banheiro e se ouve barulho de água correndo. Ele volta só com uma toalha ao redor da cintura e com um revólver na mão. Ele checa se está carregado e põe debaixo do travesseiro.

Ian – Dá uma gorjeta pro preto quando ele trouxer os sanduíches.

Ele deixa uma moeda de 50 centavos e vai para o banheiro.

Cate entra no quarto. Põe sua mala no chão e senta testando a cama. Anda ao redor do quarto, olha dentro de cada gaveta, toca em tudo. Cheira as flores e sorri.

Cate – Que delícia.

Ian volta, cabelo molhado, toalha ao redor da cintura, se secando.
Ele pára e olha para Cate por um momento, ela está chupando o dedão.
Ele volta para o banheiro onde se veste.
Ouve-se ele tossindo terrivelmente no banheiro.
Ele cospe na pia e volta.

Cate – Você tá bem?

Ian – Não é nada.

Ele se serve de gin, dessa vez com tônica, gelo e limão, dá um pequeno gole e bebe de uma forma mais normal.
Ele pega o revólver e o coloca no coldre sob o braço.
Ele sorri para Cate.

Ian – Tô feliz por você ter vindo. Achei que você não viria.

Oferece a ela champagne.

Cate – (balança a cabeça) Fiquei preocupada.

Ian – Com isso? (mostra o próprio peito) Deixa pra lá.

Cate – Não tô falando disso. Você me pareceu triste.

Ian – (abre o champangne. Serve duas taças.)

Cate – O quê estamos brindando?

Ian – (Não responde. Vai até a janela e olha para fora)
Odeio essa cidade. Fede. Pretos e paquistaneses controlando tudo.

Cate – Você não devia chamar eles assim.

Ian – Por quê não?

Cate – Não é legal.

Ian – Você gosta de negrão, é?

Cate – Ian, pára.

Ian – Você gosta dos nossos irmãos de cor?

Cate – Não importa a cor.

Ian – Cresça.

Cate – Tem uns indianos na escola de deficientes que meu irmão frequenta. Eles são bem legais.

Ian – Devem ser.

Cate – Ele é amigo de um deles.

Ian – Ele é retardado, não é?

Cate – Não, ele tem dificuldade de aprendizado.

Ian – Ah, é. Débil.

Cate – Não, não é.

Ian – Ainda bem que meu filho não é um baguá.

Cate – Não ch-chame ele assim.

Ian – Tenho pena da sua mãe. Vocês dois desse jeito.

Cate – Que j-jeito?

Ian olha para ela, decidindo se vai continuar ou não. Decide parar.

Ian – Você sabe que eu te amo.

Cate – (dá um grande sorriso, amigável e sem malícia)

Ian – Não quero que você vá embora.

Cate – Vou passar a noite aqui.

Ian bebe. Ela marcou um ponto.

Ian – Tô suando de novo. Fedendo.
Você já pensou em se casar?

Cate – Quem casaria comigo?

Ian – Eu.

Cate – Não posso.

Ian – Você não me ama. Não te culpo por isso, eu também não me amaria.

Cate – Não posso deixar minha mãe.

Ian – Um dia você vai ter que deixar.

Cate – Por quê?

Ian – (abre a boca para responder, mas não acha uma resposta)

Alguém bate na porta.
Ian se prepara e Cate vai abrir.

Ian – Não.

Cate – Por quê não?

Ian – Porque não.

Ele tira seu revólver do coldre e vai até a porta.
Escuta.
Nada.

Cate – (ri contida)

Ian – Schh.

Ele escuta.
Nada ainda.

Ian – Provavelmente é o preto com os sandubas. Abre.

Cate abre a porta.
Não tem ninguém, só uma bandeja com sanduíches no chão.
Ela pega e os examina.

Cate – Presunto. Não acredito.

Ian – (pega um sanduíche e come) Champagne?

Cate – (balança a cabeça)

Ian – Você tem alguma coisa contra presunto?

Cate – Carne morta. Sangue. Não consigo comer um animal.

Ian – Ninguém vai saber.

Cate – Não consigo, eu não posso, eu não consigo mesmo. Eu vomito pra todo lado.

Ian – É só um porco.

Cate – Tô com fome.

Ian – Pega um.

Cate – NÃO POSSO.

Ian – Vou te levar pra comer comida indiana.
Que merda é essa? Queijo.

Cate radiante.
Ela separa os sanduíches de queijo dos de presunto e come.
Ian a olha.

Ian – Não gosto das suas roupas.

Cate – (olha para as próprias roupas)

Ian – Você parece uma sapatão.

Cate – O que é isso?

Ian – Não parece muito sexy, é isso.

Cate – Ah. (Ela continua comendo) Também não gosto das suas roupas.

Ian – (olha para as próprias roupas.
Então levanta, tira a roupa, e fica em pé diante dela.)
Põe sua boca aqui.

Cate – (o encara. Depois explode numa gargalhada.)

Ian – Não? Tudo bem.
Por quê eu tô fedendo?

Cate – (ri ainda mais)

Ian tenta se vestir, mas atrapalha-se envergonhado.
Ele recolhe as roupas e vai para o banheiro, onde se veste.
Cate come os sanduíches e dá pequenas risadas descontroladas.

Ian volta completamente vestido.
Ele pega o revólver descarrega e carrega novamente.

Ian – Você já arrumou emprego?

Cate – Não.

Ian – Continua se aproveitando dos contribuintes.

Cate – Minha mãe me dá dinheiro.

Ian – Quando é que você vai andar com suas próprias pernas?

Cate – Me candidatei para um emprego numa agência de propaganda.

Ian – (ri genuinamente) Sem chance.

Cate – Por quê não?

Ian – (pára de rir e olha para ela)
Cate. Você é doente. Você nunca vai conseguir um trabalho.

Cate – Eu vou. Eu não vou.

Ian – Tá vendo.

Cate – P-pára. Você tá fazendo de p-propósito.

Ian – Fazendo o quê?

Cate – M-me confundindo.

Ian – Não, eu só tô falando que você é muito burra pra entender.

Cate – Não sou, não sou.

Cate começa a tremer. Ian ri.
Cate desmaia.
Ian pára de rir e olha para o corpo imóvel dela.

Ian – Cate?

Ele a vira e levanta as pálpebras dela.
Ele não sabe o que fazer.
Ele pega um copo de gin e joga um pouco no rosto dela.
Cate senta ereta, olhos abertos mas ainda inconsciente.

Ian – Caralho, meu Deus.

Cate explode numa gargalhada, nada natural, histérica, incontrolável.

Ian – Pára com essa porra.

Cate desmaia outra vez e deita.
Ian fica ao lado dela sem saber o que fazer.
Momentos depois, Cate volta a si como se tivesse acordando de manhã.

Ian – Deus do céu, o que foi isso?

Cate – Você tem que falar pra ela.

Ian – Cate?

Cate – Ela está correndo perigo.

Ela fecha os olhos e vagarosamente volta ao normal.
Ela olha para Ian e sorri.

Ian – O que foi agora?

Cate – Eu desmaiei?

Ian – Aquilo foi pra valer?

Cate – Acontece sempre.

Ian – O quê, essa convulsão?

Cate – Desde que meu pai voltou.

Ian – Dói?

Cate – O médico falou que passa com o tempo.

Ian – E o quê você sente?

Cate – (sorri)

Ian – Achei que você tivesse morrido.

Cate – Acho que a morte se parece com isso.

Ian – Não faça isso de novo, essa porra me assustou.

Cate – Eu não sei como acontece, eu simplesmente vou. Posso ficar fora por minutos ou meses às vezes, e então eu volto para onde eu estava.

Ian – Foi terrível.

Cate – Não fui longe.

Ian – E se você não voltasse?

Cate – Não sei. Ficaria por lá.

Ian – Não posso com isso.

Cate – Com o quê.

Ian – Com a morte. Não existir.

Ele vai até o mini-bar, se serve de uma grande dose de gin e acende um cigarro.

Cate – Você dorme e depois você acorda.

Ian – Como você sabe?

Cate – Por que você não pára de fumar?

Ian – (rí)

Cate – Você devia parar. Você vai acabar doente.

Ian – Tarde demais.

Cate – Sempre que eu penso em você é com cigarro e gin.

Ian – Que bom.

Cate – Suas roupas ficam cheirando.

Ian – Não esqueça do meu hálito.

Cate – Imagina como devem estar seus pulmões.

Ian – Não preciso imaginar. Eu vi.

Cate – Quando?

Ian – No ano passado. Quando eu voltei da anestesia, o cirurgião trouxe um resto de carne nojenta, podre e fedida. Era o meu pulmão.

Cate – Ele tirou?

Ian – O outro já tá igual.

Cate – Então você vai morrer.

Ian – Vou.

Cate – Pára de fumar, por favor.

Ian – Não vai fazer mais diferença.

Cate – Eles não podem fazer nada?

Ian – Não. Não é que nem o seu irmão, que se a gente toma conta dele, ele fica bem.

Cate – Eles morrem jovens.

Ian – Tô fudido.

Cate – Você não pode fazer um transplante?

Ian – Não seja burra. Eles fazem isso com gente que tenha uma vida pela frente. Com crianças.

Cate – Tem gente morrendo de acidente toda hora. Eles devem ter alguns sobrando.

Ian – Por quê? Pra quê? Me manter vivo pra morrer de cirrose uns meses depois.

Cate – Você tá deixando as coisas ainda piores, você está acelerando sua morte.

Ian – Aproveita de mim enquanto eu tô aqui.

(Ele traga profundamente o cigarro e toma o último gole de gin.)
Vou ligar pra aquele macaco, pra ele mandar mais disso aqui.

Cate – (balança a cabeça)

Ian – Se é que o tição entende minha língua.

Ele nota que Cate não gostou e a abraça. Ele a beija. Ela o empurra e limpa a boca.

Cate – Não põe a língua, eu não gosto.

Ian – Me desculpe.

O telefone toca alto. Ian se prepara, depois atende.

Ian – Alô?

Cate – Quem é?

Ian – (cobrindo o bocal) Schh.
(no telefone). Eu tenho aqui.
(Ele pega um caderno da pilha de jornais e lê no telefone.)
Um serial killer trucidou a turista britânica Samantha Scrace num doentio ritual assassino vírgula descoberto ontem pela polícia. Ponto, na outra linha. A alegre menina de dezenove anos de Leeds estava entre as sete vítimas encontradas enterradas em idênticas covas triangulares numa floresta isolada da Nova Zelândia ponto, na outra linha. Cada uma delas foi apunhalada mais de vinte vezes vírgula, colocadas com a face para o chão vírgula, e tinham as mãos amarradas pelas costas, ponto, na outra linha. Em caixa alta, cinzas no local mostram que o maníaco cozinhou após o crime, ponto, na outra linha. Não mais em caixa alta. Samantha vírgula, uma ruiva linda vírgula, que sonhava se tornar modelo vírgula, estava de viagem celebrando sua formatura no ensino médio ponto. A mãe de Samantha vírgula, profundamente magoada vírgula, disse ontem, abre aspas, nós estamos rezando para a polícia descobrir alguma coisa travessão, qualquer coisa vírgula, logo, ponto. Ainda entre aspas. Quanto antes esse lunático for preso e julgado vírgula, melhor, ponto, fecha aspas, na outra linha. O Departamento de Assuntos Exteriores avisou para que os turistas tomem um cuidado extra na região ponto. Um porta-voz disse, abre aspas, o bom senso é o melhor cuidado, ponto final, fim do que foi copiado.

(Ele escuta. Depois gargalha.)

Exatamente.

(Ele escuta.)

Foi com aquela outra vez, fui lá para ver ela. Uma puta suburbana já com as pernas abertas. Não. Esqueça. Não vale a pena, é perda de tempo. Não.

Pressiona o botão que chama o serviço de quarto.

Ian – Punheteiro.

Cate – Como eles sabem que você está aqui?

Ian – Eu falei.

Cate – Por quê?

Ian – No caso deles precisarem de mim.

Cate – Que bobagem. A gente veio aqui pra ficar longe deles.

Ian – Achei que você fosse gostar disso. Um belo hotel. (no telefone) Traz uma garrafa de gin, garoto.

Ele desliga o telefone.

Cate – A gente costumava ir pra sua casa.

Ian – Isso foi anos atrás. Agora você cresceu.

Cate – (sorri)

Ian – Eu não tô bem.

Cate – (para de sorrir)

Ian a beija.
Ela corresponde.
Ele põe a mão sob a camisa dela e desliza até o seio.
Com a outra mão ele abre suas calças e começa a se masturbar.
Ele começa a abrir a camisa dela.
Ela o empurra.

Cate – Ian, n-não.

Ian – Que foi?

Cate – Eu não q-quero fazer isso.

Ian – Você quer, sim.

Cate – Não quero.

Ian – Por quê não? Você tá nervosa, só isso.

Ele começa beijá-la de novo.

Cate – Eu já f-f-f-f-f-f-f-falei. Eu gosto mesmo de você mas eu não p-p-p-p-posso fazer isso.

Ian – (beijando-a) Schh. (Ele começa a abrir as calças dela.)

Cate entra em pânico.
Ela começa a tremer e a fazer sons inarticulados.
Ian pára assustado com medo de que outra convulsão comece.

Ian – Tudo bem, Cate, tá tudo bem. A gente não tem que fazer nada.

Ele acaricia o rosto dela até ela se acalmar.
Ela chupa o próprio dedão.

Ian – Não é justo.

Cate – O quê?

Ian – Me deixar desse jeito, como um idiota.

Cate – Eu s-s-senti –

Ian – Não tenha pena de mim, Cate. Você não tem que trepar comigo porque eu tô morrendo, mas não ponha a boceta na minha cara e depois tira porque senão eu mostro a língua pra você.

Cate – I-I-Ian.

Ian – Qual é o p-p-problema?

Cate – Eu só b-b-beijei você, só isso. Eu g-g-gosto de você.

Ian – Não me faça ficar de pau duro, se você não vai me fazer gozar. Isso dói.

Cate – Me desculpe.

Ian – Não dá pra ligar e desligar desse jeito. Se eu não gozo meu pau dói.

Cate – Mas não era nada disso que eu queria.

Ian – Merda. (Ele parece sentir uma dor considerável.)

Cate – Me desculpe. Eu não. Eu não vou fazer isso de novo.

Ian, aparentemente com dor, pega a mão dela e a coloca no seu pênis, deixando sua mão por cima.
Dessa forma ele se masturba até gozar com uma dor genuína.
Ele larga a mão dela e ela tira a mão.

Cate – Você tá melhor?

Ian – (concorda com a cabeça.)

Cate – Me desculpe.

Ian – Não se preocupe.
Podemos fazer amor esta noite?

Cate – Não.

Ian – Por quê não?

Cate – Não sou mais sua namorada.

Ian – Você vai voltar a ser minha namorada?

Cate – Não posso.

Ian – Por quê não?

Cate – Falei para o Shaun que ia ser namorada dele.

Ian – Você já dormiu com ele?

Cate – Não.

Ian – Comigo já. Você é mais minha do que dele.

Cate – Não sou.

Ian – O que foi isso então, por quê me fez gozar?

Cate – Eu n-n-n-n-

Ian – Me desculpe. Pressão, pressão. Eu amo você, só isso.

Cate – Você foi horrível comigo.

Ian – Não fui.

Cate – Parou de me ligar, sem nunca me dizer por quê.

Ian – Estava difícil, Cate.

Cate – Só porque eu não tenho emprego?

Ian – Não, linda, não é por isso.

Cate – Por causa do meu irmão?

Ian – Não, não, Cate. Deixa disso agora.

Cate – Não é justo.

Ian – Eu falei pra você parar.

Ele procura seu revólver.
Há uma batida na porta.
Ian se prepara, depois vai atender.

Ian – Não vou te machucar, quer parar com isso. E fica quieta. Deve ser o preto com o que eu pedi.

Cate – Andrew.

Ian – Por que você perguntou o nome do tição?

Cate – Achei ele legal.

Ian – Atrás de um pedacinho de carne preta, ein? Não quer fazer comigo, mas quer fazer com um chimpanzé.

Cate – Você é horrível.

Ian – Cate, meu amor. Tô tentando cuidar de você. Fazendo com que você não se machuque mais.

Cate – Você me machuca.

Ian – Não, eu amo você.

Cate – Parou de me amar.

Ian – Já disse pra você parar com isso.
Agora.

Ele a beija apaixonadamente, depois vai até a porta.
Quando ele dá as costas à ela, ela limpa a boca.
Ian abre a porta. Tem uma garrafa de gim numa bandeja.
Ian traz para dentro e fica indeciso, não sabendo se escolhe a garrafa de gin ou de champagne.

Cate – Tome champagne, é melhor pra você.

Ian – Não quero o que é melhor para mim.

Cate – Você vai morrer mais depressa.

Ian – Obrigado. Não te assusta?

Cate – O quê?

Ian – A morte.

Cate – De quem?

Ian – A sua.

Cate – Só pela minha mãe. Ela ficaria triste, se eu morresse. E meu irmão também.

Ian – Você é jovem.
Quando eu tinha a sua idade -
Agora.

Cate – Você vai ter que ir para o hospital?

Ian – Eles não podem fazer nada.

Cate – A Stella sabe?

Ian – Pra quê eu ia querer falar pra ela?

Cate – Vocês foram casados.

Ian – E daí?

Cate – Ela ia querer saber.

Ian – Pra ela poder organizar uma festa, reunir as bruxas.

Cate – Ela não faria isso. E o Matthew?

Ian – Que é que tem o Matthew?

Cate – Você falou pra ele?

Ian – Eu vou mandar pra ele um convite do funeral.

Cate – Ele vai ficar chateado.

Ian – Ele me odeia.

Cate – Não odeia.

Ian – Me odeia pra caralho.

Cate – Você tá magoado?

Ian – Tô. A mãe dele é uma sapatão. Você não acha que é preferível ter a mim do que uma sapata?

Cate – Talvez ela seja uma pessoa legal.

Ian – Ela não carrega uma arma.

Cate – Espero que não.

Ian – Eu amava a Stella até ela virar uma bruxa e começar a trepar com uma lésbica, e eu amo você, apesar de você levar jeito.

Cate – Pra quê?

Ian – Chupar racha.

Cate – (faz um som inarticulado)

Ian – Você já trepou com mulher?

Cate – Não.

Ian – Você quer?

Cate – Acho que não. E você? Já trepou com homem?

Ian – Você acha que eu sou viado, é? Você me conhece. (Ele vagamente aponta seu pênis.) Como é que você pode pensar isso?

Cate – Não pensei nada. Só perguntei. Você me perguntou.

Ian – Você se veste que nem lésbica. Eu não me visto que nem viado.

Cate – E como é que eles se vestem?

Ian – Hitler errou matando as bichas dos judeus, ele devia era ter ido pra cima da ralé, dos pretos, e dos porras dos torcedores de futebol, jogando bombas em estádios e acabando com eles.

Ele se serve de champagne e brinda a idéia.

Cate – Eu gosto de futebol.

Ian – Por quê?

Cate – É legal.

Ian – E qual foi a última vez que você foi ao estádio?

Cate – Sábado. Meu time ganhou de dois a zero.

Ian – E você não tomou facada?

Cate – E por quê eu deveria tomar?

Ian – É pra isso que serve o futebol. A idéia não é mostrar habilidade com os pés ou marcar gols. É tribalismo.

Cate – Eu gosto.

Ian – Você tem que gostar. É do seu nível.

Cate – Eu vou muito no estádio. Você jogaria uma bomba num estádio que eu estivesse?

Ian – O que é que você quer com uma pergunta dessas?

Cate – Você jogaria?

Ian – Não seja burra.

Cate – Jogaria?

Ian – Eu não tenho um avião bombardeiro.

Cate – Atira em mim, então? Você faria isso?

Ian – Cate.

Cate – Você acha difícil atirar em alguém?

Ian – Fácil que nem cagar sangue.

Cate – Você atiraria em mim?

Ian – Você atiraria em mim, pára de perguntar, você atiraria em mim. Você seria capaz de atirar em mim.

Cate – Acho que não.

Ian – E se eu te machucasse?

Cate – Acho que você não me machucaria.

Ian – Mas e se?

Cate – Não, você é tão doce.

Ian – Com as pessoas que eu amo.

Ele a encara considerando beijá-la.
Ela sorri de volta, amigavelmente.

Ian – E que emprego é esse, então?

Cate – Secretária.

Ian – De quem?

Cate – Não sei.

Ian - Para quem você endereçou a carta?

Cate – Ao senhor ou senhora.

Ian – Você tem que saber pra quem você está escrevendo.

Cate – Não dizia.

Ian – Quanto?

Cate – O quê?

Ian – Grana. Quanto vão te pagar?

Cate – Minha mãe falou que vai ser bastante. Eu não me importo com isso, desde que eu possa dar umas saídas de vez em quando.

Ian – Não desdenhe o dinheiro. Pra você foi sempre fácil.

Cate – Não tenho dinheiro.

Ian – Não, e você também não tem filhos pra criar.

Cate – Ainda não.

Ian – Nem pense nisso. Pra quê ter filhos? Você tem filhos, eles crescem, odeiam você e você morre.

Cate – Eu não odeio minha mãe.

Ian – Você ainda precisa dela.

Cate – Você acha que eu sou burra? Eu não sou demente.

Ian – Me preocupo, só isso.

Cate – Posso me virar sozinha.

Ian – Que nem eu.

Cate – Não.

Ian – Você me odeia, né?

Cate – Você não devia ter uma arma.

Ian – Posso precisar.

Cate – Pra quê?

Ian – (bebe)

Cate – Não posso imaginar.

Ian – O quê?

Cate – Você. Atirando em alguém. Você não mataria coisa nenhuma.

Ian – (bebe)

Cate – Você já atirou em alguém?

Ian – Pra quê você quer saber?

Cate – Atirou?

Ian – Pára com isso, Cate.

Ela aceita a advertência.
Ian a beija e acende um cigarro.

Ian – Quando estou com você não consigo pensar em mais nada.
Você me leva pra outro lugar.

Cate – É como quando eu tenho convulsão.

Ian – Só você.

Cate – O mundo não existe, não dessa forma. Parece o mesmo, mas –
O tempo anda lentamente.
Fico presa num sonho, não posso fazer nada.
Uma vez –

Ian – Faz amor comigo.

Cate – Bloqueia todo o resto.
Uma vez –

Ian – Vou fazer amor com você.

Cate – É como quando eu me toco.

Ian fica envergonhado.

Cate – Um pouco antes eu fico pensando como será, e um pouco depois eu fico pensando como vai ser a próxima, mas durante é tão gostoso, eu não penso em mais nada.

Ian – É como o primeiro cigarro do dia.

Cate – Só que isso faz mal.

Ian – Pára com isso, você não sabe do que você tá falando.

Cate – Não preciso.

Ian – Você não sabe nada. Por isso que eu te amo, quero fazer amor com você.

Cate – Mas você não pode.

Ian – Por quê não?

Cate – Eu não quero.

Ian – Por quê você veio?

Cate – Você me pareceu triste.

Ian – Me faz feliz.

Cate – Não posso.

Ian – Por favor.

Cate – Não.

Ian – Por quê não?

Cate – Não posso.

Ian – Pode.

Cate – Como?

Ian – Você sabe.

Cate – Não.

Ian – Por favor.

Cate – Não.

Ian – Eu amo você.

Cate – Eu não te amo.

Ian se vira.
Ele vê o buquê de flores e o pega.

Ian – Pra você.

Blecaute.

O som de uma chuva de primavera.

Cena Dois

O mesmo cenário.

Muito cedo na manhã seguinte.
Claro e ensolarado – será um dia bastante quente.
O buquê de flores está desfeito e espalhado pelo quarto.

Cate ainda está dormindo.
Ian está acordado dando uma olhada nos jornais.

Ian vai até o mini-bar. Está vazio.
Ele acha a garrafa de gin sob a cama e põe metade do que resta em um copo.
Levanta e vai olhar pela janela.
Ele dá o primeiro gole e é dominado pela dor.
Ele espera passar, mas não passa. Piora.
Ian se aperta pela cintura – a dor fica extrema.

Ele começa a tossir, e experimenta uma dor intensa no peito, cada tossida despedaça seu pulmão.

Cate acorda e olha Ian.

Ian se ajoelha, põe o copo cuidadosamente no chão, e se dá por vencido pela dor.
Ele parece estar muito próximo da morte.
Seu coração, pulmão, fígado e rins estão todos sofrendo ataques, e ele faz sons involuntários de dor.

Quando parece que ele não vai mesmo sobreviver, o ataque começa a passar.
Muito vagarosamente, a dor vai cessando até sumir.

Ian é um monte amarrotado no chão.

Ele levanta a cabeça e vê Cate olhando para ele.

Cate – Filho da puta.

Ian levanta vagarosamente, pega o copo e bebe.
Ele acende seu primeiro cigarro do dia.

Ian – Vou tomar um banho.

Cate – Ainda são seis horas.

Ian – Quer um banho?

Cate – Com você não.

Ian – Você que sabe. Cigarro?

Cate faz som de nojo.
Eles ficam em silêncio.

Ian em pé, fuma e toma um gole de gin.
Quando ele está suficientemente entorpecido, ele anda pelo quarto e pelo banheiro, tirando a roupa e recolhendo as toalhas usadas do chão.
Ele pára, toalha em volta da cintura, revólver na mão, olha para Cate.
Ela o encara com ódio.

Ian – Não se preocupe, eu vou morrer logo.

(Joga o revólver em cima da cama.)

Dá um tirinho.

Cate não se mexe.
Ian espera, dá um sorrisinho e vai para o banheiro.
Ouve-se o chuveiro funcionando.

Cate olha o revólver.
Ela se levanta devagar e se veste.
Ela arruma sua mala.
Ela pega a jaqueta de couro de Ian e cheira.
Ela arranca as mangas na altura da costura.
Ela pega o revólver e o examina.
Ouve-se Ian tossindo no banheiro.
Cate larga o revólver e ele entra.
Ele se veste. Olha o revólver.

Ian – Não?

(Ele dá um sorrisinho, descarrega e carrega o revólver e enfia no coldre.)

Somos um, né?

Cate – (espirra)

Ian – Somos um.
Vamos descer pro café da manhã? Tá pago.

Cate – Engasgue com ele.

Ian – A putinha tá sarcástica essa manhã, ein?

Ele pega a jaqueta e começa a vestí-la.
Ele olha os rasgos, e olha para Cate.
Um tempo, e ela vai até ele e começa a estapeá-lo na cabeça rapidamente.
Ele a agarra e a leva até a cama, ela continua batendo, chutando e mordendo.
Ela pega o revólver do coldre dele e aponta para o ventre de Ian.
Ele sai para trás rapidamente.

Ian – Calma, calma, está carregada.

Cate – Eu n-n-n-n-n-n-n-n-n-

Ian – Catezinha, calma.

Cate – Eu n-n-n-n-n-n-n-n-n-

Ian – Você não quer causar um acidente. Pense na sua mãe. E no seu irmão. O que eles iriam achar disso

Cate – Eu n-n-n-n-n-n-n-n-n-n-n-n-n-

Cate treme e começa a sentir falta de ar. Ela desmaia.
Ian vai até ela, pega o revólver e coloca no coldre.
Ele a deita de costas na cama.
Ele põe o revólver na cabeça dela, deita entre as pernas e simula que está fazendo sexo.
Assim que ele goza, ela se senta ereta com um grito.
Ian sai, sem saber exatamente o que fazer, apontando o revólver para ela.
Ela ri histericamente como antes, mas dessa vez não pára.
Ela ri e ri e ri até parar, ela chora do fundo de seu coração.
Desmaia outra vez e deita.

Ian – Cate? Catesinha?

Ian larga o revólver.
Ele a beija e ela volta.
Ela olha para ele.

Ian – Você voltou?

Cate – Mentiroso.

Ian não sabe se isso significa sim ou não, então ele espera.
Cate fecha os olhos por uns segundos e depois os abre novamente.

Ian – Cate?

Cate – Quero ir para casa agora.

Ian – Não são nem sete horas. Ainda não tem trem.

Cate – Eu espero na estação.

Ian – Tá chovendo.

Cate – Não tá.

Ian – Quero que você fique aqui. Pelo menos até terminar o café da manhã.

Cate – Não.

Ian – Cate. Depois do café.

Cate – Não.

Ian tranca a porta e põe a chave no bolso.

Ian – Eu amo você.

Cate – Não quero ficar.

Ian – Por favor.

Cate – Não quero.

Ian – Você me faz sentir seguro.

Cate – Não tem do que ter medo.

Ian – Vou pedir nosso café.

Cate – Não tô com fome.

Ian – (acende um cigarro)

Cate – Como você consegue fumar com o estômago vazio?

Ian – Não está vazio. Tem gin nele.

Cate – Por quê não posso ir para casa?

Ian – (pensa)
É perigoso.

Do lado de fora vem o som de estouro de escapamento de um carro – há um enorme estrondo.
Ian se atira no chão do quarto.

Cate – (ri) É só um carro.

Ian – Sua. Sua demente de merda.

Cate – Não sou. Você tem medo de coisas das quais não tem porque ter medo. O que é que tem de demente em não se assustar com carros?

Ian – Não tenho medo de carros. Tenho medo da morte.

Cate – Um carro não vai te matar. Não lá de fora.
A menos que você passe na frente dele.

(Ela o beija.)

O que é que está te assustando?

Ian – Achei que fosse um revólver.

Cate – (beijando o pescoço dele) Quem teria um revólver?

Ian – Eu.

Cate – (tirando a camisa dele.) Você está aqui.

Ian – Alguém como eu.

Cate – (beijando o peito dele) Por quê atirariam em você?

Ian – Vingança.

Cate – (passando as mãos dela pelas costas dele)

Ian – Por coisas que eu fiz.

Cate – (massageando o pescoço dele) Fala.

Ian – Grampearam meu telefone.

Cate – (beija a nuca dele)

Ian – Eu tava falando com alguém e percebi que o telefone tinha escuta. Me desculpe por ter parado de ligar para você, mas –

Cate – (acaricia o estomago dele e o beija entre as curvas dos ombros)

Ian – Fiquei puto quando descobri que alguém ouviu você dizer que me amava, falando de um jeito tão doce no telefone.

Cate - (beijando as costas dele) Fala.

Ian – Eu devia ter te falado antes.

Cate – (lambe as costas dele)

Ian – Assinei uma Declaração de Sigilo Absoluto, eu não devia estar te dizendo isso.

Cate – (arranha as costas dele)

Ian – Não quero te colocar em perigo.

Cate – (morde as costas dele)

Ian – Acho que eles estão tentando me matar. Já não sirvo mais para eles.

Cate – (faz com que ele se vire)

Ian – Já fiz o que eles pediram. Fiz porque amo essa terra.

Cate – (chupa os mamilos dele)

Ian – Esperei em estações, ouvi conversas e passei informações.

Cate – (baixa as calças dele)

Ian – Dirigi em ações, peguei pessoas, dei sumiço em corpos, em muitos.

Cate – (começa a fazer sexo oral em Ian)

Ian – Eu disse que você era perigosa.

Então parei.

Não queria você correndo perigo.

Mas

Tive que te ligar de novo

Senti saudades

Disso

Agora]

Sou eu que

Faço

O trabalho sujo

Eu

Sou

Um

Matador

Na palavra "matador" ele goza.
Assim que Cate ouve essa palavra ela morde o pênis dele o mais forte possível.

O grito de prazer de Ian se transforma em um grito de dor.
Ele tenta empurrar Cate, mas ela mantém os dentes cerrados.
Ele bate nela e ela o solta.
Ian deita com muita dor, não consegue falar.
Cate cospe freneticamente, tentando tirar qualquer vestígio dele de dentro da boca dela.
Ela vai até o banheiro e ouve-se ela escovar os dentes.
Ele se examina. Ele não foi decepado.
Cate retorna.

Cate – Você devia se demitir.

Ian – Não é assim que funciona.

Cate – Eles vão vir aqui?

Ian – Não sei.

Cate – (começa a entrar em pânico)

Ian – Não comece com isso de novo.

Cate – Eu n-n-n-n-n-

Ian – Cate, eu atiro em você, se você não parar.
Te contei porque te amo, e não porque eu queria te assustar.

Cate – Não ama.

Ian – Não discuta. Amo você. E você me ama.

Cate – Não amo mais.

Ian – Ontem à noite você me amava.

Cate – Eu não queria fazer aquilo.

Ian – Achei que você estava gostando.

Cate – Não.

Ian – Até que você fez bastante barulho.

Cate – Tava doendo.

Ian – Eu fazia sempre aquilo com a Stella, nunca doía.

Cate – Você me mordeu. Ainda tá sangrando.

Ian – Isso tudo é por causa de ontem à noite?

Cate – Você é cruel.

Ian – Larga de ser imbecil.

Cate – Pára de me chamar assim.

Ian – Você dorme comigo segurando minha mão e me beijando, você me bate uma punheta, depois diz que não podemos trepar e que não posso tocar em você, o que há de errado com você sua débil mental?

Cate – Não sou. Você é cruel. Eu não atiraria em ninguém.

Ian – Você apontou pra mim.

Cate – Eu não ia atirar.

Ian – É o meu trabalho. Amo esse país. Não quero ver isso destruído por aqueles putos.

Cate – É errado matar.

Ian – Colocar bombas e matar criancinhas, isso é que é errado. E é isso que eles fazem. Crianças como seu irmão.

Cate – Tá errado.

Ian – Tá, tá errado.

Cate – Não. Você. Fazendo aquilo.

Ian – Quando você vai crescer?

Cate – Eu não acredito em matanças.

Ian – Você aprende.

Cate – Não aprendo nada.

Ian – Eu não posso sempre voltar atrás e deixar que achem que têm algum direito. Não posso dar a outra face. MERDA. Algumas coisas valem mais do que se proteger daqueles bostas.

Cate – Eu te amava.

Ian – O que mudou?

Cate – Você.

Ian – Não. É que agora você sabe o que eu sou. Só isso.

Cate – Você é um pesadelo.

Ela treme.
Ian assiste um pouco e depois a abraça.
Ela continua tremendo, então ele a segura ainda mais forte para fazê-la parar.

Cate – Isso dói.

Ian – Me desculpe.

Ele a abraça mais suavemente.
Ele tem um acesso de tosse.
Ele cospe no lenço e espera a dor amainar.
Ele acende um cigarro.

Ian – O que você está sentindo?

Cate – Dor.

Ian – (concorda)

Cate – Em toda parte.
Estou com seu mal cheiro.

Ian – Quer tomar um banho?

Cate começa a tossir e a ter ânsia de vômito.
Ela põe o dedo na garganta e tira um fio de cabelo.
Ela segura o fio e olha para Ian com nojo. Ela cospe.
Ian vai para o banheiro e abre uma das torneiras.
Cate olha pela janela.
Ian retorna.

Cate – É como se estivesse em guerra.

Ian – Isso aqui está se transformando em uma macacolândia.
Você vai voltar pra sua cidade?

Cate – Dia vinte e seis.

Ian – Você vai vir me ver?

Cate – Vou ao jogo.

Ela vai até o banheiro.
Ian pega o telefone.

Ian – Dois cafés da manhã, garoto.

Ele termina o que restou do gin.
Cate retorna.

Cate – Não consigo mijar. É só sangue.

Ian – Beba bastante água.

Cate – Nem cagar. Dói.

Ian – Vai passar.

Alguém bate na porta. Os dois se assustam.

Cate – NÃO ABRA NÃO ABRA NÃO ABRA.

Ela se enfia na cama e põe a cabeça sob o travesseiro.

Ian – Cate, cala a boca.

Ele tira o travesseiro dela e põe o revólver na cabeça de Cate.

Cate – Vai. Vamos, atire em mim. Não vai ser pior do que o que você já fez. Atira em mim, se você quiser, e depois se mate e faça um favor ao mundo.

Ian – (olha para ela)

Cate – Eu não tenho medo de você, Ian. Vai.

Ian – (se afasta dela)

Cate – (ri)

Ian – Abra a porta e chupe o pau do filho da puta.

Cate tenta abrir a porta. Está trancada.
Ian joga a chave para ela. Ela abre a porta.
Os cafés da manhã estão na bandeja, Ela traz para dentro.
Ian tranca a porta.
Cate olha a comida.

Cate – Salsicha. Bacon.

Ian – Me desculpe. Esqueci. Troque sua carne pelos meus tomates e cogumelos. E as torradas.

Cate – (com ânsia de vômito) O cheiro.

Ian pega uma salsicha do prato, enfia na boca e fica segurando um pedaço de bacon.
Ele põe a bandeja sob a cama e cobre com uma toalha.

Ian – Você fica mais um dia?

Cate – Vou tomar um banho e vou para casa.

Ela pega sua mala e vai para o banheiro, fecha a porta.
Ouve-se a torneira da banheira sendo aberta.
Há duas batidas fortes na porta.
Ian bebe o gin, vai para a porta, e escuta.
A porta é forçada por fora. Está trancada.
Há mais duas fortes batidas.

Ian – Quem é?

Silêncio.
Mais duas fortes batidas.

Ian – Quem é?

Silêncio.
Mais duas fortes batidas.

Ian olha para a porta.
Ele bate duas vezes.
Silêncio.
Mais duas fortes batidas de fora.

Ian pensa.
Ele bate três vezes.

Silêncio.
Três batidas de fora.

Ian bate uma vez.
Um batida de fora.

Ian bate duas vezes.
Duas batidas.

Ian põe seu revólver de volta no coldre e destranca a porta.

Ian – (sob stress) Fala minha língua seu crioulo da porra?

Ele abre a porta.
Do lado de fora um Soldado está com um rifle usado por franco atiradores.
Ian tenta empurrar a porta e pegar seu revólver.
O Soldado empurra e abre a porta, depois tira com facilidade o revólver de Ian.
Os dois em pé, ambos surpresos, se encaram.
De repente.

Soldado – O que é isso?

Ian olha para baixo e percebe que ainda está segurando o pedaço de bacon.

Ian – Porco.

O Soldado segura a mão de Ian.
Ian dá a ele o bacon que come rapidamente, com casca e tudo.
O Soldado limpa a boca.

Soldado – Tem mais?

Ian – Não.

Soldado – Tem mais?

Ian – Eu –
Não.

Soldado – Tem mais?

Ian – (aponta a bandeja sob a cama)

O Soldado se agacha cuidadosamente, sem tirar os olhos dele e sem deixar de apontar o rifle para Ian, e tira a bandeja debaixo da cama.
Ele fica de pé e dá uma olhada na comida.

Soldado – Dois cafés?

Ian – Eu tava com fome.

Soldado – Aposto que sim.

Ele senta na beirada da cama e bem rapidamente devora os dois cafés.
Suspira com alívio e arrota.

Ele se inclina para olhar o banheiro.

Soldado – Ela tá ali?

Ian – Quem?

Soldado – Sinto cheiro de sexo.
(começa a procurar pelo quarto.)
Você é jornalista?

Ian – Eu –

Soldado – Passaporte.

Ian – Pra quê?

Soldado – (olha para ele)

Ian – Na jaqueta.

Soldado procura na cômoda.
Ele acha as calcinhas de Cate, segura-as no alto com um sorriso.

Soldado – É dela?

Ian – (não responde)

Soldado – Ou é sua?

(Ele fecha os olhos e roça gentilmente a calcinha sobre o rosto, cheirando com prazer.)
Como ela é?

Ian – (não responde)

Soldado – Ela é doce?
Ela é - ?

Ian – (não responde)

O Soldado põe a calcinha de Cate no bolso e vai até o banheiro.
Ele bate na porta. Sem resposta.
Ele força a porta. Está trancada. Ele força, arromba e entra.
Ian espera em pânico.
Ouve-se do banheiro a torneira sendo fechada.
Ian olha pela janela.

Ian – Deus do céu.

O Soldado retorna.

Soldado – Ela se foi. Tá correndo perigo. Tem um monte de soldados filhos da puta lá fora.

Ian olha o banheiro. Cate não está lá.
O Soldado olha os bolsos da jaqueta de Ian e pega suas chaves, dinheiro e passaporte.

Soldado – (lendo o passaporte) Ian Jones, profissão, jornalista.

Ian – Ei.

Soldado – O que é que foi?.

Eles se encaram.

Ian – Você veio para atirar em mim –

O Soldado se estica para tocar o rosto de Ian.

Ian – Você tá me gozando?

Soldado – Eu?

(Ele sorri.)

A cidade é nossa agora.

(Ele fica em pé na cama e urina no travesseiro.)

Ian fica enojado.

Uma luz extremamente brilhante, depois uma grande explosão.

Blecaute.

O som de uma chuva de verão.

Cena Três

O hotel foi destruído por uma bomba.

Há um buraco enorme em uma das paredes e tudo está coberto de poeira que continua caindo.

O Soldado está inconsciente com o rifle na mão.
Ele deixou cair o revólver de Ian que está entre eles.

Ian está deitado bastante entorpecido, olhos abertos.

Ian – Mãe?

Silêncio
O Soldado acorda e vira seus olhos e o rifle na direção de Ian com o mínimo de movimento possível. Ele instintivamente corre a mão livre sobre seus membros e corpo para checar se ele não está despedaçado. Ele está bem.

Soldado – Cadê a bebida?

Ian olha ao redor.
Há uma garrafa de gin perto dele sem tampa.
Ian a levanta contra a luz.

Ian – Vazia.

O Soldado pega a garrafa e bebe o último gole de gin.

Ian – (riso reprimido) Tá pior do que eu.

Soldado – (segura a garrafa no alto e balança com o gargalo voltado para a boca, tentando aproveitar até a última gota)

Ian – (pega o cigarro do bolso da camisa e acende)

Soldado – Me dá um cigarro.

Ian – Por quê?

Soldado – Porque eu tenho uma arma e você não.

Ian – (considerando a lógica.
Então pega um cigarro do maço e o joga para o Soldado)

Soldado – (pega o cigarro e põe na boca.
Olha para Ian, esperando pelo isqueiro.)

Ian – (olha para ele pensando se joga o isqueiro ou não)

Soldado – (espera)

Ian – (oferece o seu cigarro.)

Soldado – (se estica para acender o cigarro no cigarro aceso na mão de Ian, sempre olhando nos olhos dele.
Ele fuma.)

Nunca vi um inglês com um revólver antes, a maioria deles nem sabe o que é um revólver. Você é militar?

Ian – Mais ou menos.

Soldado – De que lado? Se é que você se lembra.

Ian – Eu não sei quais os lados que existem aqui. Não sei onde...

(Ele vai baixando a voz e dizendo coisas incompreenssíveis, confuso, olha para o

Soldado.)

Acho que eu tô bêbado.

Soldado – Não. É de verdade.

(Pega o revólver e o examina.)

Quer lutar para nós?

Ian – Não, eu –

Soldado – Não, claro que não. Inglês.

Ian – Sou galês.

Soldado – Parece inglês. É esse sotaque de merda.

Ian – Moro aqui.

Soldado – Estrangeiro?

Ian – Ser inglês ou galês é a mesma coisa. Somos britânicos. Não sou importado.

Soldado – Que porra é galês? Nunca ouvi falar.

Ian – Eles vêm de Deus sabe onde, têm seus filhos, filhos ingleses, mas não, não são, nasceram na Inglaterra, mas não se consideram ingleses.

Soldado – Galeses são de País de Gales?

Ian – É atitude.

(Ele se vira.)

Olha o estado da minha jaqueta. Aquela puta.

Soldado – Sua namorada fez isso, ela tava puta da vida?

Ian – Ela não é minha namorada.

Soldado – É o quê, então?

Ian – Cuida da porra da sua vida.

Soldado – Não faz muito tempo que você tá por aqui.

Ian – E daí?

Soldado – É bom você aprender a ter modos, Ian.

Ian – Não me chame assim.

Soldado – E como é que eu devo te chamar?

Ian – De nada.

Silêncio.
O Soldado olha para Ian por um longo tempo, não diz nada.
Ian está desconfortável.
De repente.

Ian – Que foi?

Soldado – Nada.

Silêncio.
Ian está intranquilo de novo.

Ian – Meu nome é Ian.

Soldado – Eu
Estou
Louco para fazer amor, Ian.

Ian – (olha para ele)

Soldado – Você tem namorada?

Ian – (não responde)

Soldado – Eu tenho. Col. Linda pra caralho.

Ian – Cate –

Soldado – Fecho os olhos e penso nela.
Ela é –
Ela é –
Ela é –
Ela é –
Ela é –
Ela é –
Ela é –
Quando foi a última vez que você - ?

Ian – (olha para ele)

Soldado – Quando? Eu sei que faz pouco tempo, senti o cheiro, lembra?

Ian – Ontem à noite. Acho.

Soldado – Foi bom?

Ian – Não sei. Eu tava bêbado. Provavelmente não.

Soldado – Havia três de nós.

Ian – Não quero saber.

Soldado – Chegamos numa casa de periferia. Todo mundo tinha caído fora. Exceto um garoto escondido num canto. Um de nós levou ele para fora. Deitou ele no chão e atirou no meio das pernas dele. Ouvimos um grito vindo do porão. Descemos. Três homens e quatro mulheres escondidos. Chamamos os outros. Eles seguraram os homens enquanto eu comia as mulheres. A mais nova tinha doze anos. Não chorou, só ficou ali deitada. Virei ela de frente para mim –
Aí ela chorou. Fiz ela me lamber para me limpar. Fechei meus olhos e pensei na –
Atirei na boca do pai dela. Os irmãos gritaram. Pendurei todos no teto pelos testículos.

Ian – Que bonito.

Soldado – Você nunca fez isso?

Ian – Não.

Soldado – Tem certeza?

Ian – Eu não esqueceria.

Soldado – Você esqueceria.

Ian – Não ia poder colocar a cabeça no travesseiro.

Soldado – E sua esposa?

Ian – Sou divorciado.

Soldado – Você nunca –

Ian – Não.

Soldado – E com a garota que se trancou no banheiro?

Ian – (não responde)

Soldado – Ah.

Ian – Você comeu quatro de uma vez, eu nunca comi mais do que uma por vez.

Soldado – Depois de comer essa uma, você matou ela?

Ian – (se movimenta na direção da arma)

Soldado – Não faz isso, se não vou ter que atirar em você. Aí eu vou me sentir sozinho.

Ian – Claro que não matei.

Soldado – Por quê não? Não parece que você gostava dela.

Ian – Eu gosto.
Ela é... uma mulher.

Soldado – E?

Ian – Eu nunca –
Não é –

Soldado – O quê?

Ian – (não responde)

Soldado – Achei que você fosse um soldado.

Ian – Não esse tipo de soldado.

Soldado – Que tipo de soldado? São todos iguais.

Ian – Meu trabalho –

Soldado – Até eu. Tive que ser.
Minha namorada –
Não vou voltar para ela. Quando eu voltar...
Ela tá morta, entende. O porra de um filho da puta de um soldado, ele –

Ele pára.
Silêncio.

Ian – Sinto muito.

Soldado – Por quê?

Ian – É terrível.

Soldado – O quê?

Ian – Perder alguém, uma mulher, desse jeito.

Soldado – Você sabe, você?

Ian – Eu –

Soldado – Desse jeito?

Ian – Desse –
Você disse –
Um soldado –

Soldado – Você é um soldado.

Ian – Eu não –

Soldado – O quê você faria se fosse obrigado a fazer?

Ian – Não consigo imaginar.

Soldado – Imagine.

Ian – (imagina)

Soldado – Na frente de batalha. Pelo seu país. País de Gales.

Ian – (imagina ainda mais)

Soldado – Uma puta estrangeira.

Ian – (imagina com mais força. Parece passar mal.)

Soldado – Você faria?

Ian – (concorda com a cabeça)

Soldado – Como?

Ian – Rápido. Na nuca. Bam.

Soldado – Só isso?

Ian – É o suficiente.

Soldado – Você acha?

Ian – Acho.

Soldado – Você nunca matou ninguém.

Ian – Matei porra.

Soldado – Não.

Ian – Seu merda, eu –

Soldado – Você não falaria assim. Você saberia.

Ian – Do quê?

Soldado – Exatamente. Você não sabe.

Ian – Saber de quê, porra?

Soldado – Continue sem saber.

Ian – O quê? O quê, porra? O que é que eu não sei?

Soldado – Você –

(Ele pára e sorri.)

Eu quebrei o pescoço de uma mulher. Dei facadas no meio das pernas dela, na quinta facada eu quebrei a espinha dela.

Ian – (olha enojado)

Soldado – Você não seria capaz disso.

Ian – Não.

Soldado – Você nunca matou.

Ian – Não desse jeito.

Soldado – Não
Desse
Jeito

Ian – Não sou torturador.

Soldado – Você tá perto deles, revólver na cabeça. Você amarra eles, diz pra eles o que você vai fazer com eles, faz eles esperarem por isso, depois... o quê?

Ian – Atiro neles.

Soldado – Você não entendeu nada.

Ian – O quê, então?

Soldado – Você nunca comeu um homem antes de matar ele?

Ian – Não.

Soldado – Nem depois?

Ian – Claro que não.

Soldado – Por quê não?

Ian – O que você tá pensando, eu não sou bicha.

Soldado – Col, a minha namorada, eles enrrabaram ela. Cortaram a garganta. Arrancaram as orelhas e o nariz e pregaram na porta de entrada.

Ian – Chega.

Soldado – Você já viu alguma coisa parecida?

Ian – Pára.

Soldado – Nem em fotos?

Ian – Nunca.

Soldado – Mas que porra de jornalista é você? Esse é seu trabalho.

Ian – O quê?

Soldado – Provar que aconteceu. Eu tô aqui, não tenho escolha. Mas você. Você tem que falar para as pessoas.

Ian – Ninguém tá interessado.

Soldado – Você pode fazer uma coisa, por mim –

Ian – Não.

Soldado – Claro que pode.

Ian – Não posso fazer nada.

Soldado – Tente.

Ian – Eu escrevo... estórias. Só isso. Estórias. Essa não é uma estória que alguém queira ouvir.

Soldado – Por quê não?

Ian – (pega um jornal da cama e lê)

"O tarado vendedor de carros, Richard Morris, levou duas prostitutas adolescentes para o campo, amarrou as duas nuas em uma cerca e as chicoteou com um cinto antes de estuprá-las. Morris foi preso por três anos acusado de relação sexual indevida com garota de treze anos.

(Ele joga o jornal longe.)

Estórias.

Soldado – Fazendo com eles o que eles fizeram com a gente, o que há de bom nisso? Em casa sou limpo. Como se nunca tivesse acontecido. Diga a eles que você esteve comigo. Diga a eles... que você esteve comigo.

Ian – Não é meu trabalho.

Soldado – De quem é?

Ian – Sou jornalista local. Não cubro assuntos estrangeiros.

Soldado – Assuntos estrangeiros, o que você está fazendo aqui?

Ian – Cubro outras coisas. Tiroteios e estupros, crianças sendo abusadas por padres e professores bichas. Não tenho nada a ver com soldados esfaqueando uns aos outros por um pedaço de terra. Tem que ser... pessoal. Sua namorada, ela sim vale uma estória. Doce e limpa. Você não. Sujo como os crioulos. Ninguém acha graça numa estória de pretos, quem dá uma merda por uma estória dessas? Pra quê tornar você ou sua estória pública?

Soldado – Você não sabe uma porra sobre mim.
Eu frequentei a escola.
Fiz amor com Col.
Os canalhas mataram ela, e agora eu tô aqui.
Agora eu tô aqui.

(Ele coloca o rifle na cara de Ian.)

Vire, Ian.

Ian – Pra quê?

Soldado – Vou te comer.

Ian – Não.

Soldado – Então te mato.

Ian – Tudo bem.

Soldado – Tá vendo. Prefere ser morto, do que ser fodido e morto.

Ian – É.

Soldado – E agora você concorda com tudo que eu digo.

(Ele beija carinhosamente Ian nos lábios. Ele se encaram.)

Você cheira que nem ela. O mesmo cigarro.

Ele se levanta e vira Ian com uma mão.
Segura o revólver na cabeça de Ian com a outra mão.
Ele abaixa as calças de Ian, abaixa suas calças e estupra Ian – com os olhos fechados cheira os cabelos de Ian.
O Soldado chora do fundo de seu coração.

O rosto de Ian mostra dor, mas em silêncio.

Quando o Soldado termina, veste as calças e enfia o revólver no anus de Ian.

Soldado – O canalha puxou o gatilho na Col.
O que você tá sentindo?

Ian – (tenta responder, mas não consegue)

Soldado – (tira o revólver e senta do lado de Ian)

Você nunca foi comido por um homem antes?

Ian – (não responde)

Soldado – Achei que não. Não significa nada. Vi milhares de pessoas enfiadas em caminhões que nem porcos tentando sair da cidade. Mulheres atirando bebês nas carrocerias na esperança de alguém cuidar delas. Esmagando umas às outras até a morte. Os miolos saem pelos olhos. Vi uma criança com parte do rosto desfacelada, uma garotinha que eu fodi tentando tirar minha porra de dentro dela com as mãos, um homem com fome comendo a perna da esposa morta. Portanto, não seja tão trágico em relação a terem comido seu cú. Não fique achando que seu cú galês é diferente de qualquer outro cú que eu já tenha comido. Você tem certeza que não tem mais nenhuma comida por aqui? Estou morrendo de fome.

Ian – Você vai me matar?

Soldado – Sempre olhando para o próprio umbigo.

O Soldado pega a cabeça de Ian com as duas mãos.

Ele põe a boca em um dos olhos de Ian, e o chupa fora, mastiga e engole.

Faz o mesmo com o outro olho.

Soldado – Ele comeu os olhos dela.
Pobre canalha.
Pobre amor.
Pobre canalha da porra.

Blecaute.

O som de uma chuva de outono.

Cena Quatro

O mesmo cenário.

O Soldado está deitado ao lado de Ian. O revólver na mão. O Soldado deu um tiro na própria cabeça.

Cate vem do banheiro, toda molhada e carregando um bebê. Ela passa pelo soldado e dá uma olhada nele.
Depois ela vê Ian.

Cate – Você é um pesadelo.

Ian – Cate?

Cate – Eles não vão parar..

Ian – Catezinha? É você?

Cate – A cidade toda está gritando.

Ian – Me toque.

Cate – Não conseguem parar. Os soldados controlam a cidade.

Ian – Eles venceram?

Cate – A maioria das pessoas desistiu.

Ian – Você viu o Matthew?

Cate – Não.

Ian – Você fala com ele para mim?

Cate – Ele não tá aqui.

Ian – Diga a ele –
Diga a ele –

Cate – Não.

Ian – Diga a ele –

Cate – Não.

Ian – Não sei o que dizer a ele.

Tô com frio.
Diga a ele –
Você tá aí?

Cate – Uma mulher me deu o bebê.

Ian – Você voltou por minha causa, Catezinha? Me castigar ou me salvar não vai fazer diferença, eu amo você Cate, conte a ele por mim, Cate, toque em mim, Cate.

Cate – Não sei o que fazer com ele.

Ian – Tô com frio.

Cate – Não pára de chorar.

Ian – Diga a ele –

Cate – Não posso.

Ian – Você vai ficar comigo, Cate?

Cate – Não.

Ian – Por quê não?

Cate – Tenho que voltar logo.

Ian – O Shaun sabe o que nós fizemos?

Cate – Não fiz nada.

Ian – É melhor falar para ele.

Cate – Não.

Ian – Ele vai saber. Mesmo que você não diga.

Cate – Como?

Ian – Cheira isso. Sou uma mercadoria podre. Você não vai me querer, você pode ter alguém limpo.

Cate – O que aconteceu com seus olhos?

Ian – Eu preciso que você fique, Cate. Não vou durar muito.

Cate – Você entende de bebês?

Ian – Não.

Cate – E o Matthew?

Ian – Ele tem vinte e quatro anos.

Cate – Mas ele já foi um bebê.

Ian – Eles só choram e cagam. Um saco.

Cate – Está sangrando.

Ian – Você vai tocar em mim?

Cate – Não.

Ian – Pra eu saber que você tá aqui.

Cate – Você pode me ouvir.

Ian – Não vou te machucar, prometo.

Cate – (vai até ele e toca o topo da cabeça dele.)

Ian – Me ajuda.

Cate – (acaricia o cabelo dele)

Ian – Vou estar morto logo, Cate. Isso dói. Me ajuda.
Me ajuda –
Acabe
Com isso

Cate – (tira a mão da cabeça dele)

Ian – Catezinha?

Cate – Tenho que arranjar alguma coisa para o bebê comer.

Ian – Você não vai achar nada.

Cate – Tenho que procurar mesmo assim.

Ian – Canalhas da porra comeram tudo.

Cate – Ele vai morrer.

Ian – Precisa do leite da mãe dele.

Cate – Ian.

Ian – Fique aqui. Não tem pra onde ir. Onde você vai?
É muito perigoso sair sozinha, olhe para mim.
É mais seguro aqui comigo.

Cate – (considera.
Então senta com o bebê um pouco distante de Ian.)

Ian – (relaxa quando a ouve sentar.)

Cate – (embala o bebê)

Ian – Nunca estive tão mal quanto agora, né?

Cate – (olha para ele)

Ian – Você vai me ajudar, Catezinha?

Cate – Não sei como.

Ian – Você tá vendo meu revólver?

Cate – (pensa. Depois levanta e procura pelo quarto, com o bebê nos braços. Ela vê o revólver na mão do Soldado e olha para ele por algum tempo.)

Ian – Achou?

Cate – Não.

(Ela pega o revólver do Soldado e brinca com ele.
O revólver abre de repente e ela olha para as balas.
Ela tira as balas e fecha o revólver.)

Ian – Achou?

Cate – Achei.

Ian – Você me dá?

Cate – Acho que não.

Ian – Catezinha.

Cate – O quê?

Ian – Por favor.

Cate – Não me diga o que fazer.

Ian – Não tô dizendo, meu amor. Você pode fazer esse bebê ficar quieto?

Cate – Ele não tá fazendo nada. Só tá com fome.

Ian – Estamos todos morrendo de fome, se você não atirar em mim, vou definhar até a morte.

Cate – É errado se suicidar.

Ian – Não, não é.

Cate – Deus não ia gostar.

Ian – Não existe Deus.

Cate – Como você sabe?

Ian – Não existe Deus. Não existe Papai Noel. Não existem fadas. Não existem terras encantadas. Não existe porra nenhuma.

Cate – Tem que existir alguma coisa.

Ian – Por quê?

Cate – Se não existir nada, nada faz sentido.

Ian – Deixa de ser uma demente da porra, nada faz sentido de jeito nenhum. Não tem motivo para ter um Deus só porque seria melhor se tivesse.

Cate – Achei que você não quisesse morrer.

Ian – Estou cego.

Cate – Meu irmão tem amigos cegos. Você não devia desistir.

Ian – Por quê não?

Cate – Isso é ser fraco.

Ian – Eu sei que você quer me castigar, tentando me fazer viver.

Cate – Não quero.

Ian – Claro que você quer, eu também faria isso. Existem pessoas que eu amaria ver sofrendo, mas não sofrem, elas morrem e pronto.

Cate – E se você estiver errado?

Ian – Não estou.

Cate – Mas e se?

Ian – Eu já vi gente morta. Estão mortos.
Não estão em outro lugar, estão mortos.

Cate – O quê você me diz de pessoas que viram fantasmas?

Ian – O quê eu digo? Eles imaginaram.
Ou inventaram ou desejaram que a pessoa ainda estivesse viva.

Cate – Pessoas que morreram e voltaram dizendo ter visto túneis e luzes –

Ian – Não se pode morrer e voltar. Essas pessoas não morreram, desmaiaram. Quando você morre é o fim.

Cate – Eu acredito em Deus.

Ian – Tudo tem uma explicação científica.

Cate – Não.

Ian – Me dá meu revólver.

Cate – O quê você vai fazer?

Ian – Não vou te machucar.

Cate – Eu sei.

Ian – Vou acabar com isso. Eu tenho que fazer isso, Cate, estou doente. Só vou acelerar a coisa um pouquinho.

Cate – (pensa muito)

Ian – Por favor.

Cate – (dá a ele o revólver.)

Ian – (pega o revólver e põe na boca.
Ele tira outra vez.)

Não fique atrás de mim.

Ian – (Põe o revólver na boca de novo.
Puxa o gatilho. O revólver não dispara, está descarregado.
Ele atira outra vez. E outra vez e outra vez e outra vez.
Ele tira o revólver da boca.)

Caralho.

Cate – É o destino, tá vendo? Não é para você se matar. Deus –

Ian – O filho da puta.

Ele atira o revólver longe em desespero.

Cate – (embala o bebê e olha para ele)

Ah, não.

Ian – Que foi?

Cate – Ele morreu.

Ian – Canalha de sorte.

Cate explode numa gargalhada, sem naturalidade, histérica, incontrolável.
Ela ri e ri e ri e ri e ri.

Blecaute.

O som de uma pesada chuva de inverno.

Cena Cinco

O mesmo cenário.

Cate está enterrando o bebê no assoalho.

Ela procura ao redor e acha dois pedaços de madeira. Ela rasga em tiras a jaqueta de Ian, amarra os pedaços de madeira em forma de cruz e finca no assoalho.
Ela pega as flores espalhadas pelo quarto e as coloca sob a cruz.

Cate – Não sei o nome dela.

Ian – Não faz mal. Ninguém vai vir visitar.

Cate – Eu fiquei de cuidar dela.

Ian – Você vai poder me enterrar ao lado dela logo. Dançar sobre minha sepultura.

Cate – Não sentiu dor e não conheceu nada do que se tinha que conhecer –

Ian – Cate?

Cate – Schh.

Ian – O que você tá fazendo?

Cate – Rezando. Só para garantir.

Ian – Você vai rezar por mim?

Cate – Não.

Ian – Quando eu morrer? Não tô falando agora.

Cate – Depois de morto não adianta nada.

Ian – Você está rezando por ela.

Cate – Ela era um bebê.

Ian – E daí?

Cate – Inocente.

Ian – Você me perdoa?

Cate – Não viu coisas ruins nem foi a lugares ruins –

Ian – Ela está morta, Cate.

Cate – Não conheceu ninguém que possa ter feito maldades.

Ian – Ela não precisa de nada disso, Cate, ela está morta.

Cate – Amém.

Ela começa a ir embora.

Ian – Onde você vai?

Cate – Tô com fome.

Ian – Cate, é perigoso. Não tem comida.

Cate – Posso arranjar alguma com um soldado.

Ian – Como?

Cate – (não responde)

Ian – Não faça isso.

Cate – Por quê não?

Ian – Essa não é você.

Cate – Tô com fome.

Ian – Eu sei, eu também. Mas.
Eu prefiro –
Não é –
Por favor, Cate.
Estou cego.

Cate – Tô com fome.

Ela sai.

Ian – Cate? Catezinha?
Se você arrumar comida –
Merda.

Escuridão.
Luz.

Ian se masturba.

Ian – Boceta boceta boceta boceta boceta boceta boceta boceta boceta boceta boceta

Escuridão.
Luz.

Ian se estrangulando.

Escuridão.

Luz.

Ian cagando.
Depois tentando limpar a merda com jornal.

Escuridão.
Luz.

Ian rindo histericamente.

Escuridão.
Luz.

Ian tendo um pesadelo.

Escuridão.
Luz.

Ian chorando, grandes lágrimas de sangue.
Ele está abraçando o corpo do Soldado procurando conforto.

Escuridão.
Luz.

Ian deitado imóvel, fraco de fome.

Escuridão.
Luz.

Ian desfaz a cruz, tira as ripas de cima do corpo e tira o bebê para fora.

Ele come o bebê.

Ele põe o lençol que envolvia o bebê de volta no buraco.
Um tempo, depois ele se levanta e entra no buraco mantendo só a cabeça para fora.

Ele morre aliviado.

Começa a chover sobre ele, vindo do teto.

De repente.

Ian – Merda.

Cate entra trazendo pão, uma grande salsicha e uma garrafa de gin.
Tem sangue escorrendo por entre as pernas dela.

Cate – Você está bem embaixo de um buraco.

Ian – Eu sei.

Cate – Vai ficar molhado.

Ian – Eu sei.

Cate – Imbecil filho da puta.

Ela puxa um lençol da cama e se enrola nele.
Ela senta ao lado da cabeça de Ian.

Ela come um pedaço de salsicha e pão, e engole ajudada por um bom gole de gin.

Ian escuta.

Ela alimenta Ian com o que resta da comida.

Ela põe gin na boca de Ian.

Ela termina de dar comida a Ian e senta longe dele, se encolhe para se esquentar.

Ela bebe gin.
Ela chupa seu próprio dedão.

Silêncio.

Chove.

Ian – Obrigado.

Blecaute.

Fim